

OS LADRÕES DE CASACA

NO RIO DE JANEIRO

Os ladrões de casaca

Ainda não está cumprida a missão do jornalista que tomou em seus hombros penoso encargo de patentear ao povo as misérias dos grandes, desses que envergando a casaca de aristocratas são quasi sempre reprobos, são as mais vezes uns ladrões!

O nosso braço ainda não cansou de apontal-os ás turbas, a nossa voz ainda não enfraqueceu ante as accusações que lhes fizemos!

A tolerancia e a humildade tem sido o unico motor da nossa propria decadencia, tem cooperada para a perda dos interesses mais legitimos de nossa pessoa. O rubor que nos tingia as faces, ao contemplarmos estes *cavalheiros de industria*, hade ser substituido pela contracção de nosso rosto quando bradarmos bem alto: Heis um *ladrão de casaca*!

A nossa appareição na imprensa, é uma necessidade, é mister expurgar do seio social essas viboras que envenenão o que de mais puro emcontrão, que roubão ouro para pender coroas, porque de *ladrão* a Barão, ha apenas um espaço que facilmente é tranposto! A honra da virgem, é o alvo libertino do *ladrão de casaca*, espalhão ouro ás mãos cheias para conseguil-o, ouro barrifado de sangue e de lagrimas, ouro que escalda as mãos de quem o segura, porque ainda conserva vestigios de um crime.

Amaldiçoai-me embora, senhores feudaes, amaldiçoai-me, que importa se eu ainda tenho vigor nos dedos para arrancar de vossos rostos estas mascaras hypocritas com que vos encobris quando tentaes passar aos olhos do povo por *homens serios*.

Chamai *papelucho* ou *pasquim* ao meu jornal, porem o que não pedireis por certo é que apresente as provas dos vossos crimes, o que não direis tambem é que vendi-me ao vosso ouro!

A' Exma. Sra. Viuva Coelho

Um pleito de honra levado por V. Ex. á barra dos tribunaes, acaba de confirmar perante esta sociedade brasileira o conceito bem merecido de que sempre gozou um character illibado como o de que com toda a justiça gozou V. Ex.

Espectador impassivel, pela neutralidade, de toda a formação do processo, appareceu agora a occasião azada em que devia por meu turno vir justificar a V. Ex. minha adhesão á causa da virtude, meu enthusiasmo á causa da justiça.

E V. Ex. triumphou completamente!

Aniquiladas uma a uma as apprehensões publicas, sua honra sahio indelevel dos tramas da ambição, para mostrar-se cada vez mais radiante, mais elevada, mais digna da veneração publica.

Foram os proprios labios do criminoso que propagaram a pureza dos nobres sentimentos de V. Ex. Foi a sua conducta na casa de seu prematuro inclausuramento, que

justificou de quanto respeito V. Ex. era digna, pois elle mesmo o raptor, não ousou manchar com o seu contacto essa sisudez inviolavel, essa altivez da virtude.

E' tempo pois que por minha vez, venha depor perante V. Ex. as provas do reconhecimento publico, e meu respeito particular a tanta dignidade e firmeza de character.

Acceptando V. Ex. estas manifestações dos sentimentos de que me acho possuido, digne-se acreditar que nacionaes e estrangeiros deste municipio neutro, sabem todos render preito e homenagem a illustre e virtuosa senhora viuva Coelho.

ROMANCE HISTORICO

BALCÃO, BARALHO E BRAZÃO

OU

As proezas dos ladrões de casaca.

POR

R. B.

I

DUAS PALAVRAS PARA SERVIREM DE PROLOGO.

A Sra. D. Maria da Silva é exactamente uma viuva rica, e tão rica, que, na phrase do fallecido Penna, por um olho chora e por outro repenica.

Isto não quer dizer que não arrastasse ella a sua comprida e negra cauda pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro, ou que no setimo dia do fallecimento de seu *nunca assás chorado*, não pagasse os seus cinco mil réis ao vigario da freguezia para que este salvasse das penas eternas a alma do *defunto* por meio de uma missa sem *limera-me*.

Fazemos toda a justiça ao amor conjugal da Sra. D. Maria: chorou como verdadeira carpideira, teve ataque de nervos, e não comeu carne fresca no dia do enterramento de seu marido.

Na epocha em que a apresentamos ao leitor, ella orça pelos seus 34 annos, e é mãe de quatro mimosas filhas cujas idades regulam de 14 á 19 annos.

Isto quer dizer que a Snra. D. Maria se casára aos 14, e se acha agora em idade de contrahir novas nupcias.

Ja vê portanto o leitor o quanto devem ser concorridas as cinco reuniões que a estimada viuva dá annualmente por occasião do seu e dos anniversarios de suas filhas.

Agora retratemos de uma penada o exterior visivel que compoem o todo encantador desta importante personagem.

A Sra. D. Maria da Silva é de estatura mediana, tez morena, olhos e cabellos negros, labios breves, e nariz aquilino.

Formosa o quanto pode ser uma filha de Eva, ella tem constantemente um sorriso prestes a escapar-lhe, uma phisionomia que poderemos chamar risonha, uma insinuação em todo o seu forte, um dito espirituoso e a proposito, uma imaginação ardente d'onde transpirão phrazes capazes de fazerem gyrar os bestuntos de quantos commendadores e Barões frequentam com assiduidade as suas reuniões de familia.

Typo realmente opposto aos de suas filhas a Sra. D. Maria por si só vale as quatro jovens quando se trata de discutir politica com os fiomens do balcão, litteratura com os de brazão, ou virtude com os de baralho.

Creaturas angelicas. alvas, rosadas, ou pallidas, as quatro jovens bellas como as virgens de Rubens parecem antes fadadas para a solidão e o claustro do que para a vida ruidosa de bailes e theatros que fazia as delicias de sua mãe.

Mas cousa notavel: a viuva, na vida que levava, em vez de deminuir a fortuna que lhe deixára o marido, a havia augmentado prodigiosamente como um verdadeiro Visconde de Souto, antes da quebra fatalissima.

E agora que o leitor a conhece um pouco, vamos dar principio á nossa narração.

II.

ERA UMA NOITE DE FESTA RACIONAL NO RIO DE JANEIRO.

O povo avido de emoções, o povo sensaborão por assim dizermos, na falta de uma distração a par de sua bolça e de sua illustração, corria pressuroso a admirar as maravilhas dos copos de lamparinas pregados com symetria em torno de uma corda pintada em papelão, ou de uma inscripção caída sob um portico triumphal.

Enxames de *elegantes*, trajando no rigor da moda que o ultimo paquete trouxera de Paris, atravancavam as praças e ruas, a espera que por diante delles desfilasse o cortejo das jovens *luminaristas* com suas familias para á porfia lançarem-lhes as lunetas, ou seguirem-nas como se fossem seus cachorrinhos fraldiqueiros.

As beatas depondo os rozarios, as colonas fechando os antros da sensualidade, os frades carmelitas ataviando-se de cabelleiras e barbas postiças, os homens de vara e covado sahindo das cavernas de caco, os pé-de-boi, e os *sabios* esquivinhadores das folhas diarias, os medicos e advogados, os empregados publicos e os militares, os ministros e a fidalguia de carruagens, os artistas e os operarios, o povo todo emfim desta cidade, sahia para as ruas e deixava cahir os queixos ante maravilha tão estupenda como as luminarias!

Os encontros se succediam, os abalroamentos eram sem conta, e á cada passo via-se um chaveco abordando uma fragata, ou um brigue mettendo a pique pela popa de uma sumaca.

Então as imprecações annunciavam-se em phrases pouco cheirosas, e as vezes adubadas de duas ou tres taponas que as matronas roliças prodigalisavam de mistura.

Mas sigamos aquelle grupo que acaba de postar-se ante a figura da America e que contempla as pernas da cabocla cravejadas de côpos multicores.

No centro está um negociante de seccos e molhados por atacado, alto e magro, de tez amorenada, onde á primeira vista o mais desastrado discipulo de Lavater distinguiria os traços rudes de um antigo puchador de carroças.

Do peito da casaca preta pende-lhe uma commenda estrangeira, e dá o braço a um homunculo barrigudo de casaca azul e botões amarellos.

Cercam-lhe seis individuos todos negociantes de fazendas sêccas, encasacados e de luvas de pellica.

— Olhem para a figura, dizia o commendador; mas

com um só olho. O outro lancem ali para a esquerda... Em? E que tal?

— Não vejo nada, Sr. commendador; respondeu o homem da casaca azul.

— Essa é boa! Ali mais para o lado do Manoel de Souza... Aquella deosa de chamalote preto, cercada d'aquelles quatro anginhos de nobresa branca...

— Oh! que bella *menina*, Sr. commendador, será alguma patricia nossa?

— Não: é cá do paiz. Mas tem maneiras lisbonenses e parece uma uva muscatel ao lado de quatro pêras do Fayal.

O commendador passava entre os de sua roda, por homem instruido e litterato.

Os ouvintes curvaram as cabeças ante tão espirituosa comparação que o homunculo lhes disse em segredo ser uma figura, e um delles perguntou:

— Então? Temos que navegar naquellas aguas?

— *Chiton!* disse-lhes o commendador.

E depois fazendo-se estreitar pela sua gente lhes communicam em voz baixa:

— Aquella viuva é rica como uma mina da California e suas filhas *estão solteiras*. Percebem?

— Cinco casamentos a arranjar....

— Muito bem. Para mim a viuva, e as quatro filhas para quatro dos nossos melhores amigos.

— Apoiadissimo, disse o humunculo esfregando as mãos e lambendo os beiços. Cá por mim *escolho* a mais alta, como se chama ella?

— Chama-se D. Paulina, Sr. *Braga da rua dos Ourives*. Tem 19 annos, 200:000\$000 de dote, assim como as outras, e falla francez soffrivelmente. Ficas contente?

— Oh! quem me dera já!

— Para o *Cardoso dos vinhos do Alto Douro*, será a segunda que tem 17 annos. Para o *Siqueira* a terceira, e para o *Verissimo catinga* a quarta. Esta tem 14 e aquella 16 annos.

Os tres amigos, que tambem se achavam na roda deram pinotes de contentamento, emquanto que os outros perguntaram:

— E para nós, Sr. commendador?

— Para nós que somos membros do *Club*, a metade dos respectivos dotes.

— Então, tóca á trabalhar.

— A apresentação vai ter lugar immediatamente.

— Um carro atravessou por entre a multidão. O povo abriu fileiras, e o vehiculo triumphal atravessou as maças, levando em sua bojuda frente quatro excellentes creaturas da alta aristhocracia.

— Oh! que maldita capoeira! exclamou o commendador procurando em vão a viuva e suas filhas.

Uma onda de povo invadira o espaço aberto pelo carro, e as senhoras haviam desaparecido.

III.

NESSA MESMA NOITE ERA EXTRAORDINARIA A FREGUEZIA DO CONSOLE.

Todos as mezas estavam occupadas, e os caixeiros andavam em um motuo-continuo.

Em uma dellas comia-se bifes á bahiana, fazia-se jorrar em copos de chrystal o auri-rubo vinho do Porto.

Quatro mancebos de uniformes militares, questionavam, um quinto companheiro trajando sobre-casaca preta, collete e calças brancas.

— Sempre esses amores banaes! dizia um cadete de artilharia a cavallo que se achava com licença na côrte. Meu caro Quintiliano, a poesia e a namorada são duas inimigas do mancebo, e inimigas irreconciliaveis. Uma devora-lhe a cabeça e a outra o coração.

— E ambas deixam-lhe a bolça sem real ; acrescentou um tenente de fuzileiros.

— Isto é, meus senhores, disse por seu turno um alferes de cavallaria : a poesia não dá vintem e a namorada tira ainda mesmo o que não ha.

— Indulgencia, meus heroes ! intercedeu um capitão de artilharia a pé. Com uma linda namorada no coração o uma poesia magestosa na cabeça, pode-se fazer frente a mil bombas de bom calibre.

— Sim, certamente, inundando-se o estomago com este róxo cordial.

Quintiliano estava cabisbaixo, e deixou passar a metralhada sem lhes fazer frente.

— Camaradas, disse o primeiro que fallára ; o que vimos é realmente de embashacar ! Uma linda, bella, e guapa viuva com quatro filhas tão bellas como ella, ou mais bellas ainda se é possível.

Palavra de honra ! O nosso amigo Quintiliano é descobridor de mel de páu. E és infeliz, amigo ?

— Oh ! muito.

— A joven não te corresponde ?

— Tenho certeza de seu amor.

— E então ?

— E então ? Sou pobre !

— Oh ! diabo ! disseram os mancebos dando um salto na cadeira. Phtysico das algibeiras ? !

— E no ultimo gráu !

— Então venha uma penna vou te receitar. Oh ! caixeiro !

— Prompto, Sr. capitão.

— Penna e papel.

— Que diabo vais tu fazer ? perguntou o cadete.

— Vou receitar.

O caixeiro trouxe os objectos pedidos e retirou-se.

— Ora muito bem. Como se chama a tua bella, Quintiliano ?

— Paulina.

— Optimamente. E depois de outras informações escreveu o seguinte :

— Nós abaixo assignados, obrigamo-nos pelo presente a protegemo-nos reciprocamente, e envidarmos todos os nossos esforços para realisarmos o casamento do nosso amigo Quintiliano de Souza Bocatuba com a Sr. D. Paulina da Silva : da viuva sua mãe com o capitão de artilharia a pé José Mendes Mattoso ; de D. Minervina da Silva com o tenente de fusileiros Estulano Martiniano de Benevente ; de D. Carolina da Silva com o alferes de cavallaria Saturnino Felipe de Estamenha ; e de D. Hortencia da Silva o cadete de artilharia á cavallo Beraldo Bernardino do Monte Visuvio.

E para levarmos esta empreza ao cabo juramos que o primeiro que recusar será tido por um covarde e será insultado publicamente por todos os signatarios desta obrigação.

Escripto o que, o capitão fez com que todos assignassem.

Tirou depois mais quatro copias idemplicas que foram igualmente assignadas e distribuidas pelos convivas.

— E agora, meus senhores, extravagancia ou não, levemos a empresa ao cabo e viva a folia !

Viva o capitão ! bradaram os mancebos.

E ergueram-se da mesa.

Cada um pagou a sua parte da despeza e dispuseram-se a sahir do Hotel Console.

Mas nesse momento entraram novos cinco personagens que foram occupar uma mesa contigua á em que se achavam os nossos folgazões mancebos.

Ao avistar os recém-chegados Quintiliano estremeceu, e ficou extraordinariamente pallido.

Sua emoção foi tão visível que seus amigos repararam

nella e perguntaram-lhe :

— O que tens ?

— E' elle ! disse Quintiliano com voz sufocada.

— Elle quem ?

— O commendador, o pretendente da viuva o meu algoz !

— A' mesa, meus senhores ! bradou o capitão ; e alerta !

Os lugares foram novamente occupados.

Os recém-chegados eram o commendador, o Siqueira, o Braga, o Cardoso, e o Verissimo catinga.

(Continúa.)

Ladrão de brazão

Entre as maravilhas estupendas da creação universal, o naturalista não depara com uma especie de quadrumanos mais rara do que aquelle de cuja styrpe decende o fidalgão de Cajuru, typo mesclado do arangotango e da fuinha.

Basta a fusão das raças para exaltar a singularidade da genealogia. E o nosso barão é de tão celebre notariade, que todos o admiram já pela figura apathyca, ja pelo espirito em botão,

E si ha quem duvide de quanto é capaz esta casaca de peito bordado, lance suas vistas para a Villa Bella de Turvo em Minas Geraes, e arregace visualmente o tenue véo que encobre suas façanhas.

O que véo curioso ?

— Um preto lasaro digno de piedade e mais do que tudo da liberdade, para tratar de sua enfermidade livre de toda a coacção.

— Pois meu caro, este mesmo preto foi dado de festa á uma pobre cega, que vivia esmolando, de nome Micaella Alves, a qual se curou e teve em seu poder um filhinho sem ao menos pagar-lhe a creação e trabalho, o barão dos bordados o arrecadou, porque teve a sem cerimonia de não lhe passar documento.

— Olhem que desembaraço !

— E que mitra ! deve dizer Vm, Este mesmo figurão quando ainda não era aristocratico, vindo do Rio Grande do Sul com 200 bestas, passou como gato por brazas por todos os registros e sem pagar o imposto de uma só barreira ! E alem disto roubo á fazenda nacional, relatou esta proeza á quantos tropeiros encontrou.

— Foi espirituosa ! Que marréco !

— E a alma de Gervasio ?... porem caluda, que tanta vergonha não cabe aqui.

— Sim ?

— Já Vm. conhece a besta. Agora, cuidado com as feraduras !

— Não haverá perigo obrigado.

Pois então.... Adeus.

De casaca e de borel

Si a fradalhada revólta do convento do Carmo não envergasse de ver em quando a casaca do secular, é methamorphoseada em *petit-maitre* não fossse ao *Algazarra Lyrico* apreciar a sirigaita da *Amada* estariamos agora um pouco atrapalhados tendo de tratar de dois tunantes que em vez da casaca andam á luz do dia com as saias negras da tia Maria das bananas fritas.

Felizmente aquelles patuscos, á vista das mutações nocturnas, podem formar com os larapios de casaca, porque além de tudo não nos consta que haja frade capenga.

Portanto, saiba o leitor que aportou estas plagas vindo do reino *sergipano* um celebre vigario que se diz *geral*, si é que a generalidade de S. Ex. não tem alguma cousa de *particular*, e instalou-se como um tatú bola na cóva

dos reverendos dos remendos, porque não ha frade que não seja *remendado*.

Elles bem nos entendem!

Lé com lé cré com cré diz o rifão, e o vigario que bem comprehende estes anexins de garafão, deparou logo ali com um dos ôdres mais reverendagos da bregeirada tonsurada.

Ora, não ha moçoila, destas que se *alugam* para servir ao proximo, ja ensaboando ou bornindo (bornideira quer dizer engomadeira) que não conheça para quanto vale o frei Fausto das altas cavallarias do largo da Lapa.

Pois foi justamente este fradeco o que cahio no *gôto do reverendissimo geral*.

Sympathia para aqui, sympathia para lá, amizade vem, amizade vai, eil-os unidos como a corda e a camba, e dispostos a não perderem vara sem se embarcarem.

No coiro do memoravel *conbiento* houve ha pouco tempo uma *função religiosa*.

Bambolinas em toda a igreja, *flores brancas* verdes e amarellas por toda a parte, moças em baixo e em cima, (no recinto e no coiro) e frades a dar com um pau!

Musicata, cantoria, e no pulpito o bom do vigario geral.

Oh! que função!

Mas quem é aquella Nympha que canta o *solo* na igreja para depois dançar o *duo* acabada a festa!

Perguntemos ao *geral* que S. Ex. não é capaz de negar que aquella menina não faz *farinha*.

Amados leitores, a funçanata foi de arromba, e S. Ex. tudo arrombou com a sua eloquencia oratoria... O publico, os cantores e até a fabrica em que a pobre cantora torrava a sua farinha.

Frei Fausto que é rapagão da bucolica, sabe disto...

Podera não! Socio commanditario de tal regabofe era elle, na auzencia do vigario, o gerente do *negocio*, que do coiro do Carmo foi se estabelecer pelas imediações da Lapa.

Mas tudo neste mundo caminha para o seu termo, e a vizinhança da fabriqueira, vendo que a fradalhada concorria todo ao commercio do vigario sergipano e de Frei Fausto, poz embargos á patuscada já citando as *posturas*, já valendo se da inspectoría do quarteirão.

Houve então seguração de bens.

O vigario sumio-se com a cantora para o quarteirão da gloria, e Frei Fausto foi se estabelecer na ladeira do Seminario com uma indigina da Ajuda.

E' assim que passam as glorias do mundo!

Felizmente o convento forneceu para a farinha alguns de seus escravos, e o vigario que *tem força de cem cavallos* continúa com a sua *pegadinha de veado* na fabricação farinacea com que hade em breve atulhar o convento de mimosos donatoshinhos.

Frei Fausto por seu lado trabalha com afinco, e para não se distrahir de tão importante occupação, nomeou o prade André seu *dizedor* de missas para os fieis não se privarem deste meio infalivel de livrarem suas almas das penas eternas.

Mas graças ao padre André *tal não ha de aconteeer*.

E viva frei Fausto com o vigario geral de Sergipe que sabem levar as direitas as cousas deste mundo.

Frei Lopes Badunho.

Mais um de casaca

(Continuação do n. 1.)

O promettido é devido:

Aqui nos achamos na estacada do dever empunhando em vez do azorrague a penna pertinaz.

Sabemos que para aquelle em cujas faces jámais asoma o rubor á enunciação de suas torpezas, moralisar os seus actos, stygmatisar-lhe os vicios e crimes na esperança da corrigenda, é gastar o tempo em pura perda.

Quando um *desgraçado* em taes condições, solta um sorriso ante a publicação dos actos escandalosos de sua vida, não ha mais esperança de salvação.

Aquelle ente é um incorrigivel porque se ufana de ser uma creatura abjecta.

Entretanto, se para o transviado a admoestação, os conselhos e o castigo, não servem de paradeiro ao desregramento inveterado, para o publico em geral, ha um proveito porque de conhecê-lo resulta acautella, a vigilancia, e a evitação do contacto.

E' por isso que continuaremos a dar as *meias-tintas* no painel das altas cavallarias do Sr. de Pint'Algrete....

Quem não conheceu um homem que não era *Desleal*, e que morava nas immensas casas do então commendador da ordem dos gadanhos á rua de S. Pedro?

Pois um dia, o homem que não era *Desleal* foi valer-se do forrêta para contrahir o emprestimo de 600\$000.

— Pois sim, disse-lhe o *cujo*; mas o que hypotheca o Senhor?

Eu, Sr. commendador? Os alugueis de um predio que possuo, o qual me rende 90\$000 mensaes.

— Pois então authorise-me a cobrar os alugueis, para pagamento de sua divida, e alugal-o por minha conta até o final embolço.

Dito e feito. O papel foi passado e o homem da *Lealdade* levou os fataes *seiscentos*.

Ora 90\$000 por mez, no fim de 7, importam em 630\$000.

Todos quanto sabiam dessa hypotheca sem premio algum estipulado, contavam que no fim do prazo, o que não era *Desleal* estaria livre da divida e Sr. de seu predio.

Porem o *homem dos gadanhos* fez-lhe a conta de grande capitão. Possuo a hypotheca por mais de anno e meio sempre alegando trapacos, valendo-se de subterfugios, e fitando o incauto devedor.

O certo é que depois desfructar seu bel prazer a propriedade alheia a final de contas, para fazer a restituição, ainda o pobre lesado teve de repor ao tal *Pint'Algrete* a quantia de 16\$000.

E que tal?

E' assim que procede e procedeu sempre, um dos caracteres mais torpes que conhecemos.

Não ha *mulata* requebrada, nem quitandeira de trumpha que não lhe mereça os mais decididos ataques, a mais pertinaz solictude.

Devasso ao ultimo ponto, incapaz de occultar a sua *origem materna* este fidalgote de sangue nas guellas, sob a bondade de um Jacques Ferrando, mostrou sempre a audacia de um capuchinho ou a innocencia que se occulta na tóca branca de uma irmã de caridade.

Audaz hypocrita, elle jámais se absteve dos mais nojentos planos, ou para fazer negociadas de requintada uzura, para partilhar esfrangalhada esteira de qualquer escrava desprezivel.

E é este homem que pretende a mão da *Baroneza*, e aspiras, (para a portinhola do fardão,) uma chave do roda semanarios do paço!

Sobrinho que Depois do reconhecimento por meio de uma escriptura publica no tabellião — Castro, se *apresenta filho*; elle não estremecerá se de mistura com este *arranjo familiar* nós lhe desenrolemos as proezas feitas com o testamento de *Ricardo Pires Ferreira*.

(Continua.)